

Ideias do Milênio: Jim Holt, filósofo norte-americano

Entrevista concedida pelo filósofo norte-americano **Jim Holt** ao jornalista **Jorge Pontual**, para o programa **Milênio**, da Globo News. O **Milênio** é um programa de entrevistas, que vai ao ar pelo canal de televisão por assinatura Globo News às 23h30 de segunda-feira, com repetições às 3h30, 11h30 e 17h30.

Reprodução

Washington Square, Greenwich Village, Nova Iorque, num dia glorioso de outono. Muita atividade, ruído, cacofonia. Os músicos tocam para as pessoas na praça, em torno da fonte, os turistas admiram os nativos, num hotel aqui da esquina, ‘The Mamas & the Papas’ num dia como esse compuseram “California Dreamin”. Um caos de movimento, exuberância, cores, cheiros, barulhos exóticos, a plenitude do ser. Essa gente toda curte o momento sem se preocupar com o mistério da existência. “Por que existe algo ao invés de nada?” Eu estou lendo o livro “Por que o Mundo Existe? Uma História de Detetive Existencial” do filósofo Jim Holt, que mora aqui perto, e ele vem encontrar o Milênio pra conversar sobre essa pergunta que atravessa a história do pensamento. Como explicar o mistério da existência?



Jorge Pontual — Eu adorei seu livro. Eu li duas vezes, mas não significa que entendi tudo. Mas eu acho bom tratar deste tipo de assunto. “Por que o mundo existe?”

Jim Holt — Tentei ser simples e elucidativo, mas é o mais sublime dos mistérios.

Jorge Pontual — Você parece ter se divertido muito escrevendo.

Jim Holt — É verdade. Foi uma grande busca. Eu fiz como se fosse uma história de detetive e fui atrás dos melhores suspeitos cósmicos, conversei com os maiores pensadores do mundo e os fiz pensar alto. É ótimo ouvir um grande físico, filósofo, teólogo ou romancista pensando alto. Eles dizem coisas mais extraordinárias. Estamos aqui lutando com o mistério que intriga todo mundo, e você se pergunta se está no caminho certo, mas, quando os ouve falando, pensa: “Talvez eles não sejam tão mais inteligente que eu”. Portanto, é um processo muito libertador conversar com grandes pensadores sobre este, que é o maior dos mistérios.

Jorge Pontual — Para algumas pessoas, essa é a questão fundamental. Por que isso?

Jim Holt — Bem, é fundamental porque não se pode entender como é o mundo até se entender por que o mundo existe. O grande filósofo Wittgenstein disse que o enigma não é como o mundo é, mas sim que exista um mundo. Então, sim, esse é nosso maior questionamento, mas de certo modo, é também o mais simples deles. Não se trata apenas de uma questão de especulação intelectual. Recentemente, nos EUA, surgiu um movimento chamado “neoateísmo”, com pensadores como o biólogo evolutivo Richard



Dawkins e outros defendendo o ateísmo com muita veemência, dizendo que devíamos crescer e abandonar a ideia de Deus. E os defensores da religião dizem que a ciência pode explicar o que é o mundo, mas não pode explicar por que o universo existe. De certo modo, esse é o último argumento da ortodoxia religiosa contra a visão do mundo laica e científica. Em programas da televisão americana, as pessoas têm falado sobre a razão da existência do universo. Se você não aceita a existência de Deus, como pode explicar isso? Isso se tornou assunto frequente dos noticiários enquanto eu escrevia o livro.

Jorge Pontual — Mas como você explicaria, sem falar de Deus, o surgimento de algo a partir do nada?

Jim Holt — A história religiosa é que Deus criou o mundo a partir do nada. Assim, a equação é: Deus + nada = mundo. Se tirar Deus da equação, o que irá colocar ali? Alguns físicos têm escrito *best sellers* nos quais afirmam que a equação seria: leis da Física + nada = algo. Esse algo seria o Big Bang. Mas isso gera vários problemas. No livro, eu exploro todas as possibilidades, começando com a hipótese de Deus e questionando: “Se você não acredita em Deus, a ciência pode responder à pergunta?” Acho que não. Então pensei que talvez haja uma explicação mais profunda, que vá além das alternativas tradicionais, que são Deus e a ciência. E foi para aí que minha busca me levou.

Jorge Pontual — E é algo muito profundo e difícil de entender. Para você, qual é a explicação mais lógica, aceitável e plausível para a existência do universo?

Jim Holt — Essa é a finalidade da minha busca. Ir além da ciência e da filosofia e encontrar os princípios verdadeiros que regem a realidade como um todo. E há dois princípios aos quais eu acabei apelando. Um é o da simplicidade, que é um princípio científico, segundo o qual se deve sempre procurar a hipótese mais simples para explicar os dados. O outro é o princípio da totalidade, que remonta ao filósofo grego Platão. E, combinando esses princípios e raciocinando de maneira sutil, eu cheguei à conclusão de que, ironicamente, o tipo de realidade que se deve esperar não é o nada, pois, obviamente, há alguma coisa. O nada é uma realidade muito especial, muito simples. É uma característica especial. Também não podemos esperar o mundo mais completo, em que todas as possibilidades imagináveis se tornam realidade. Devemos esperar algo entre dois, uma espécie de realidade infinita, confusa e medíocre. O tipo de realidade que vemos ao nosso redor. Seria como um buraco cheio de lixo cósmico. E o impressionante é que o lugar que ocupamos no universo parece mesmo ser isso. Veja a descoberta recente do bóson de Higgs. O bóson de Higgs basicamente torna o universo um lugar mais confuso do que seria sem ele, pois quebra a simetria e dá massa a algumas partículas, mas tira de outras. As próprias leis da Física, quanto mais exploramos o Cosmos, tendem a ser mais confusas, e isso se coaduna com a conclusão a qual eu cheguei — que, aliás, não é minha... eu sou só jornalista. Apenas me apoiei sobre os ombros de um grande filósofo de Oxford, Derek Parfit. Foi ele que me permitiu ver sob um novo enfoque toda a questão de por que há alguma coisa, em vez do nada.

Jorge Pontual — Mas você também é formado em Filosofia, não é?

Jim Holt — E em Matemática.

Jorge Pontual — Então você é um jornalista que sabe bem o que está falando. Eu acho que uma das coisas que impressionam a maioria dos seus leitores é que muitos daqueles pensadores trabalham com a hipótese de um multiverso, um número infinito de universos, ou de mentes infinitas, mundos múltiplos. O que é isso? Como eles chegaram a isso?

Jim Holt — Acho que isso está bem claro. A história científica é a seguinte: este universo teve início há



13,7 bilhões de anos, com o evento que chamamos Big Bang. Portanto, parece que houve algo e que, de repente, surgiu um universo. Mas isso provavelmente não foi o que aconteceu. O Big Bang deve ter sido apenas um acontecimento local, que já aconteceu várias vezes, e nós vivemos neste multiverso eterno, com vários universos sendo criados o tempo todo. Isso, na verdade, levante várias possibilidades. Uma delas é a de que o nosso universo foi criado por um físico hacker em algum outro universo. Eu conversei com um grande físico russo, Andrei Linde, que criou a teoria da inflação caótica, que é a melhor teoria do multiverso. Ele disse: “Veja, é possível criar todo um universo com 1/100.000 grama de matéria, em laboratório. Não podemos fazer isso hoje por não termos a tecnologia, mas é claramente possível que um físico hacker em outro universo faça um universo igual ao nosso. E, se for assim, ele não poderia se comunicar conosco, não poderia nos mandar uma mensagem, mas poderia codificar alguma mensagem nas leis básicas da Física, de modo que os físicos pudessem descobrir a mensagem”. Mas ele disse que nosso universo é tão básico e bagunçado, que parece mesmo ter sido criado por um hacker, não por um deus. Se Deus tivesse feito o universo, ele seria perfeito. Só que ele não é perfeito. Há 37 famílias de partículas elementares, as leis da Física são confusas. E o mundo é um desastre. Temos crianças com câncer, por exemplo, e como a história religiosa poderia justificar isso?

Jorge Pontual — Uma coisa que eu aprendi com seu livro foi que a hipótese de um multiverso é mais simples, porque explica a física quântica e essa sintonia fina das condições físicas que tornaram a vida possível, bem como nossa existência.

Jim Holt — É verdade. As pessoas que querem defender a religião dizem que o universo em que vivemos é sintonizado com precisão. Todas as leis da Física são perfeitas para permitir o surgimento de criaturas como nós.

Jorge Pontual — É uma chance em bilhões, não é?

Jim Holt — É, mas, se você tiver vários universos, alguns deles devem ter a temperatura certa e as qualidades que permitam a vida humana. Essa é uma maneira de a ciência responder à religião. É um pouco mais sutil, pois o multiverso... Não sei se consigo expor essa linha de pensamento, pois é meio matemática...

Jorge Pontual — Voltando a essas hipóteses, elas não podem ser provadas, certo? É metafísica? O que é isso?

Jim Holt — Na verdade, não. A hipótese do multiverso tem implicações observáveis para o universo. Nós temos satélites que analisam a radiação deixada pelo Big Bang, e eles estão cercados por um nível bem baixo de radiação. Na verdade, se você ligar sua televisão e ficar trocando de canal, poderá ver um pouco dessa radiação. Isso é eco do Big Bang. E, analisando os contornos e detalhes específicos dela, temos várias provas que sugerem que nosso universo é apenas um entre muitos. Nós nunca poderemos observar esses outros universos, pois eles estão separados do nosso por regiões de espaços que inflam mais rápido do que a velocidade da luz. Mas nós temos boas provas indiretas da existência disso. Para a ciência, isso já é bom o bastante. Não conseguimos ver os átomos, mas nós temos várias justificativas teóricas para acreditar que os átomos são reais. E o mesmo vale para os universos alternativos.

Jorge Pontual — E a ideia de que nós vivemos em uma simulação?

Jim Holt — A hipótese da Matrix.

Jorge Pontual — Exatamente.

Jim Holt —



Ela também suscita a pergunta: qual é a natureza da realidade? Parece um pergunta muito pomposa, mas qual é...? Isto parece uma madeira sólida, não?

Jorge Pontual — É.

Jim Holt — Sabemos que ela é feita de átomos, que são, basicamente, espaços vazios. Se começarmos a olhar dentro do átomo, da matéria em nível subatômico, ela tende a se dissolver em matemática pura. Não há nada real ali. É como a simulação por computador: não há nada real, apenas informação. Isso levanta várias possibilidades estonteantes. Uma delas é a de que o universo é informação estruturada. Ou mesmo uma mente estruturada. Portanto a ciência pode nos dizer como a realidade é estruturada matematicamente, mas não pode nos dizer qual é a natureza intrínseca dessa realidade. E há várias coisas que a ciência não pode explicar. A maneira como essas folhas nos parecem verdes, o sabor do hortelã, o que sentimos quando levamos um beliscão. Isso tudo está sujeito à realidade mental. E a ciência não consegue explicar como o mundo da consciência surge a partir do mundo físico. Então uma das coisas que temos que fazer quando questionamos por que há algo, em vez do nada, por que existe um universo, em vez de um vazio, é começar a pensar na pergunta: “O que é a existência?” Ela é exatamente o que a ciência nos diz ou há um componente mental nela? Ela pode ser uma simulação por computador, como você mesmo levantou? Não uma simulação em um computador de verdade, mas uma informação estruturada e abstrata. Essas são as perguntas que eu faço. É claro que não podemos respondê-las em definitivo, mas, quanto mais você luta com elas, mais você consegue ver as linhas gerais da resposta se formando.

Jorge Pontual — Que impacto isso teve em você, do ponto de vista intelectual e até mesmo emocional?

Jim Holt — Emocionalmente, foi um impacto grande, porque a pergunta “por que o universo existe?”, a pergunta cósmica, combina com a pergunta existencial “por que eu existo?” E, quando se levam em conta todos os seres humanos possíveis... Geneticamente, há trilhões e trilhões de seres humanos possíveis. Mas, desde que a espécie humana surgiu, apenas cerca de 40 bilhões de humanos ganharam vida. Ou seja, uma fração minúscula dos seres humanos possíveis. E isso inclui você e a mim. Por que tivemos tanta sorte? Como ganhar a loteria cósmica? Ou podemos ser desafortunados. Depende de como você vê sua existência. Na peça “Édipo Rei”, de Sófocles, o coro diz: “Não ter nascido é melhor do que tudo.” Assim, a pergunta “por que eu existo?”, como eu disse, combina com a pergunta sobre a existência do cosmo. Eu passei muito tempo me perguntando o que eu sou, o que é o “eu”. Descartes disse: “Penso, logo existo.” Mas o que é o pensar? É meu corpo? Não, pois parece que, se colocassem minha consciência em um robô, eu poderia sobreviver sem meu corpo. Outra questão emocional que surgiu foi o nada de cada um de nós, que vamos encarar com a morte. Eu não acredito que sobreviverei à morte do meu corpo. A ideia de que a existência foi precedida por éons de nada, que, repentinamente, ganhamos consciência, vivemos um pouco e voltamos ao nada...

Jorge Pontual — O livro aborda muitas questões pessoais, por causa das suas perdas.

Jim Holt — É verdade, eu senti que fui golpeado pela morte enquanto eu o escrevia. Começou com a morte repentina do meu cachorro. Eu sei que parece algo trivial, mas foi meu dia mais triste da minha vida. E, lá pelo final do livro, quando trato do que é o ser e a morte, minha mãe foi diagnosticada com câncer de pulmão e morreu em um mês e meio. Eu estava no quarto, ao lado dela, quando ela morreu, e ver um ser passar a não existência, o mesmo ser que gerou a minha existência, me fez enfrentar mais



uma vez a estranheza da existência, a improbabilidade dela, e a surpresa que é nós existirmos e o mundo existir.

Jorge Pontual — Muitas pessoas procuram a religião ou mesmo alguma maneira filosófica de encarar a vida, em busca de consolo, certo, para conseguir suportar esse nada que está à nossa frente. Mas, mesmo acreditando que nós voltaremos ao nada, há um consolo, há uma maneira de aceitar isso?

Jim Holt — O interessante é que, quando eu ouvia diferentes opiniões ou diferentes atitudes diante da existência como um todo, algumas pessoas diziam que o universo é um lugar lindo e maravilhoso e que nós temos sorte de estar vivos. Se Deus fez o universo, ele é cheio de bondade. Ela pode estar escondido de nós, mas está lá. Já outras pessoas, como o diretor americano Woody Allen, consideram o universo apenas um lugar horrível, insuportável. Ele não acredita em Deus e acha que, quando morrer, acabou, é o nada. E há um pequeno oásis de alívio disso tudo para ele, que é reclamar. Ele diz que é assim que sobrevive a isso reclamando, fazendo filmes e fazendo sexo. É interessante que não só Woody Allen, mas também John Updike, escritor americano que morreu em 2009, era muito obcecado com a ideia do nada, da morte e de onde vem o universo. Ele também considerava o sexo uma maneira de se afastar, provavelmente não muito eficazmente, da terrível ideia da morte, então...

Jorge Pontual — O que foi que Updike lhe disse para explicar a existência? Está no livro.

Jim Holt — Updike, na verdade, acreditava na religião, de uma maneira muito sutil ou filosófica. E ele tinha essa imagem de Deus cercado de nada pensava que talvez Deus tivesse criado o mundo apenas para aliviar seu próprio tédio cósmico. Assim, o mundo seria um pouco como uma distração, algo que Deus criou para se divertir. É uma concepção muito bonita. Mas, em um dos livros de Updike, “Roger’s Version”, todo o fim do livro trata da questão de por que há um universo, em vez do nada. E, em uma conversa em uma festa, um personagem faz esse relato virtuoso e puramente científico sobre como um universo como o nosso pode surgir do nada. A beleza dessa questão é que pode ser tratada de um ponto de vista religioso, como fonte intelectual de consolo, mas também pode ser tratada de um ponto de vista científico, de um ponto de vista literário ou mesmo místico. Se você for budista, por exemplo, e lhe perguntarem por que existe algo, em vez de nada, a resposta pode ser: “Tem certeza de que existe algo?” Para eles, este mundo parece real, talvez por sermos escravos de nossos desejos, que dão substância a algo que não tem substância, que é vazio, e a melhor coisa a fazer é acabar com o desejo, de modo que o mundo se dissolva no nada, você entre em estado de nirvana, que é o que mais se aproxima da felicidade. Um amigo meu disse que o nirvana é ter vida suficiente para gostar de estar morto. É um estado de quase nada. Então, há essa visão mística também. O incrível de refletir sobre o mistério da existência é que isso obriga você a analisar todas as culturas, todo o conhecimento humano. Não se pode deixar nada de fora, tem que ver o pacote inteiro, e eu fiz isso em um livro de 300 páginas.

Jorge Pontual — Você escreveu um livro sobre a filosofia das piadas. Qual é a melhor piada sobre o mistério da nossa existência?

Jim Holt — Eu tive um professor na Universidade de Columbia que era famoso por suas piadas filosóficas. Um dia, um aluno perguntou a ele: “Professor, por que há algo em vez de nada?” E ele disse: “Mesmo que não houvesse nada, você ainda estaria insatisfeito.” Essa não é ruim.

Jorge Pontual — Essa é boa.

Jim Holt — E é verdadeira. Os maiores mistérios e motivos de perplexidade suscitam nas pessoas o



impulso da fazer piada. Há piadas sobre coisas horríveis, como o Holocausto. Uma maneira de os judeus lidarem com ele é imprimindo humor ao fato. Nós nos perguntamos que piada pode ser apropriada quando o assunto é algo tão horrível quanto o Holocausto, mas, para os judeus, é possível. E encarar com humor o mistério da existência também é algo nobre. Eu queria ter piadas melhores.

Date Created

05/04/2013